

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 2 – ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO: A PESQUISA NA ÁREA DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO

RESGATE DA DOCUMENTAÇÃO SOBRE O USO DE COBOGÓS NAS FÁBRICAS MODERNAS DO NORDESTE BRASILEIRO: DOIS ESTUDOS DE CASOS. 1965-1979.

Alcilia Afonso De Albuquerque E Melo (kakiafonso@hotmail.com)

O artigo que se pretende apresentar neste evento possui como objeto de estudo o resgate da documentação sobre o uso de cobogós nas fábricas edificadas durante o período de modernidade arquitetônica no nordeste brasileiro, utilizando como estudo de casos, a fábrica da Wallig Nordeste S. A (1965/67), em Campina Grande, Paraíba; e a Fábrica da Bombril (1979/83), no município de Abreu e Lima, Pernambuco. O objetivo do artigo é resgatar os projetos arquitetônicos e as obras, difundindo a utilização deste elemento construtivo, artístico e tecnológico que faz parte do vocabulário plástico e funcional da produção arquitetônica nordestina, em todas as suas tipologias, e neste caso específico, a tipologia industrial. Segundo LEMOS e CORONA (2017, p.138), o termo é conhecido como combogó, cobogó ou cambogê, e trata-se de um “elemento vazado feito de cimento empregado na construção de paredes perfuradas, cuja função principal seria a de separar o interior do exterior, sem prejuízo de luz natural e da ventilação”. Sua origem utilizando o concreto foi assim batizada pelos seus criadores, em Recife, Pernambuco, a partir das iniciais de seus sobrenomes, CO-BO-GÓ: Amadeu Oliveira Coimbra, Ernest August Boeckmann e Antônio de Góes, que buscaram a patente da invenção em 1929. Justifica-se difundir tal elemento construtivo e tecnológico,

devido à forte e constante presença do cobogó como elemento construtivo que tornou-se uma constante não apenas na arquitetura de Recife a partir das obras projetadas por Luiz Nunes nos anos 30, e nos anos 50 (AFONSO, 2006), pelos arquitetos Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, mas em todo o nordeste brasileiro, expandindo-se também para outras regiões brasileiras, tornando-se uma solução climática bastante apropriada aos trópicos. Nestas obras que serão expostas, os cobogós aparecem presentes de maneira marcante, preenchendo as peles das fachadas, sendo impositivos nas soluções de ventilação, e de iluminação de tais fábricas, com designs diferenciados e criados especificamente para cada uma delas, conforme será visto. Informa-se aqui, que a metodologia da pesquisa sobre o cobogó apoia-se na que vem sendo adotada pelo GRUPAL/UFCG e que aplica análises de design, do processo construtivo e observa a utilização dos elementos construtivos em superfícies arquitetônicas, inventariando os tipos, e criando fichas cadastrais com informações básicas sobre cada elemento, documentando cada tipo empregado. Relaciona ainda os métodos da pesquisa histórica (com investigações bibliográficas, in loco, e nas obras) com o da pesquisa de arquitetura (SERRA, 2006) e do design. . Apoia-se em autores que tratam sobre a história da arquitetura brasileira como LEMOS e CORONA (2017), SEGAWA (1997), CAVALCANTI (2001), e em textos voltados para a produção arquitetônica moderna nordestina como os de AFONSO (2006), VIEIRA (2012), entre outros.